

XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira São Paulo, 21-25/09/2003

Simpósio – Arqueologia Funerária

INVESTIGANDO GÊNERO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO ESPAÇO RITUAL E FUNERÁRIO MARAJOARA

Introdução

O estudo de práticas funerárias têm sido usado por arqueólogos para entender organização sociopolítica, partindo-se da premissa de que as relações sociais estão reproduzidas nos rituais envolvidos na disposição dos mortos. Em sociedades complexas, especialmente, a localização espacial dos cemitérios e do espaço ritual em relação ao local de moradia é entendido como refletindo concepções cosmológicas, simbólicas e políticas sobre a relação entre os vivos e seus antepassados. Ao mesmo tempo, a ligação com os antepassados pode ser conscientemente utilizada por grupos sociais para legitimar ou negociar relações de poder. Nesse sentido, três aspectos principais das práticas funerárias são em geral analisados (Hodder 1982): 1) A proximidade dos cemitérios com o assentamento, onde entende-se a disposição dos antepassados como marcando fronteiras políticas, administrativas ou sociais; 2) O padrão de disposição de enterramentos dentro do cemitério, onde interpreta-se a segregação e/ou agregação de enterramentos como indicando relações entre grupos sociais ou famílias; e 3) o padrão de enterramento, entendendo-se aí o tipo de túmulo e objetos associados, onde interpreta-se complexidade do enterramento como indicando complexidade das relações do indivíduo com a comunidade assim como seu status social. Apesar da correlação entre distribuição espacial e complexidade de enterramentos por um lado e configuração e complexidade social por outro ser moeda corrente entre os arqueólogos, Hodder (op.cit.) chama a atenção para o fato de que as sociedades podem reproduzir no contexto funerário relações ideais que não existem na prática, assim como deixar de representar relações sociais que são parte do dia-a-dia.

Os rituais funerários em geral envolvem uma série de estágios até a disposição final dos remanescentes humanos. Estes estágios raramente estão todos eles representados no registro arqueológico, mas devem ser considerados para um entendimento do contexto de disposição final dos mortos.

Neste trabalho, vamos avaliar o significado das práticas funerárias para o entendimento de complexidade social na pré-história recente da Amazônia. Durante este período, que se estende para algumas sociedades até as primeiras décadas da conquista européia, os enterramentos secundários parecem ter sido os preferidos para indivíduos de elevado status social. Por este motivo vamos inicialmente discutir os enterramentos secundários em termos dos processos que envolvem, seu possível significado simbólico para o grupo social e as indicações arqueológicas de sua ocorrência, especialmente na foz do Amazonas. Em seguida, vamos descrever as práticas funerárias estudadas no aterro Belém, na Ilha de Marajó, discutindo as implicações deste estudo para o entendimento da economia política existente na Ilha de Marajó entre 600 e 1200 d.C.

Enterramento Secundário

Algumas características dos enterramentos secundários em sociedades etnográficas podem nos ajudar a melhor compreender objetos e feições que encontramos no registro arqueológico, assim como perceber a importância desses rituais para a reprodução do sistema social. Os enterramentos duplos ou secundários são bastante comuns em sociedades pré-históricas, e ilustram bem a idéia dos rituais funerários como ritos de passagem que, segundo Van Gennep (1977), envolvem a separação de uma estrutura antiga, um período de espera e finalmente ritos de agregação a uma nova estrutura e incorporação de um novo status social. Em "Estudo da Representação Coletiva da Morte", Hertz (1960) argumenta que diversas sociedades não vêem a morte como instantânea, mas como um processo de transição que demanda cuidados, restrições e uma série de procedimentos rituais. O enterramento secundário implica em que o corpo do indivíduo deve inicialmente permanecer guardado em um local provisório, que em muitos casos pode ser um vaso grande, para que se dê o processo de decomposição do corpo com a separação final dos

ossos. Este seria considerado o período de que a alma necessita para efetuar a transição, mas muitas vezes é também relacionado com o tempo necessário para adquirirem-se recursos para as cerimônias (Hertz 1960). Segundo Turner (1967) a decomposição do corpo é também metáfora para a transição social e moral pela qual a sociedade passa.

O tempo em que o corpo permanece dentro de um vaso para decomposição pode variar de semanas a meses, mas geralmente significa mantê-lo perto da residência, e pode incluir a remoção periódica de fluidos e líquidos, às vezes através de um furo no fundo do vaso, feito para drenagem. Uma segunda cerimônia caracteriza a abertura do vaso e a preparação dos ossos para o enterramento secundário, onde o mesmo vaso, ou outro é usado para o acondicionamento final dos ossos. A disposição final deste vaso em um mausoléu ou cemitério, onde outros enterramentos podem estar presentes, é em geral acompanhada por festas ou cerimônias diversas, marcando o período em que a transição se completa e a sociedade pode voltar ao seu ritmo normal de vida. A morte então, é um processo lento (Huntington e Metcalf 1991) que permite a reorganização social após um evento que pode em alguns casos ter ocasionado séria ruptura social, como por exemplo, a morte e sucessão de um líder.

Na Amazônia, indicações arqueológicas da prática de enterramento secundário consistem na identificação de ossos disarticulados, às vezes pintados, dentro de urnas cerâmicas. Furos no fundo de vasos podem ser também indicações de seu uso durante o processo de decomposição do corpo¹. As variações verificadas nos tipos de urnas, nos locais onde as urnas eram dispostas e os tipos de objetos associados com os mortos indicam que os rituais funerários eram utilizados para reafirmar diferenças culturais e sociais entre os indivíduos. Verifica-se que a distância dos cemitérios com os sítios de habitação também varia. Cemitérios das fases Mazagão, Aruã e Aristé, por exemplo, são encontrados próximos, mas separados do local de habitação. Em cemitérios associados com a fase Aristé, urnas são dispostas em abrigos sob rocha ou cavernas, ou, na falta destas, em poços especialmente construídos ou enterradas (Meggers e Evans 1957; Mendonça de Souza, et al. 2001). Enterramentos da fase Marajoara, por

¹ Diversas urnas Cunani possuem furos no fundo (Meggers e Evans 1957). Urnas Maracá também possuem furos (Vera Guapindaia, Com. Pess. 2003), mas seu pequeno tamanho não permitiria conter o corpo completo de um indivíduo.

outro lado, são em geral encontrados em aterros, no mesmo local usado para habitação. Em todas essas sociedades, as relações entre a localização do espaço funerário e sítio de habitação devem ser examinadas no sentido daquilo que pode nos comunicar a respeito de formas de organização social.

Nos enterramentos amazônicos urnas com características antropomorfas são bastante comuns, mas existe bastante variabilidade em termos de decoração, forma e tamanho. Os objetos associados a elas variam em quantidade e qualidade, e constituem-se de pequenos vasos, tigelas ou estatuetas cerâmicas, objetos líticos como contas, pingentes, muiquitãs e machados, ou ainda contas de vidro em enterramentos contemporâneos com a ocupação européia. Estas estruturas funerárias, no entanto, apesar de terem sido consideradas como indicadores de complexidade social, foram pouco exploradas no sentido de definir melhor esta complexidade em termos de organização sociopolítica e relações de gênero. Uma exceção é o estudo em andamento a respeito das práticas funerárias observadas em grutas da região do rio Maracá. Resultados preliminares da investigação apontam para uma igualdade entre enterramentos femininos e masculinos que, inicialmente, indica um equilíbrio nas relações de gênero e poder (Mendonça de Souza, et al. 2001).

Práticas Funerárias e Organização Social na Fase Marajoara

A emergência de complexidade social nas terras baixas sul-americanas durante a pré-história recente tem sido historicamente um assunto polêmico (Carneiro 1998; DeBoer, et al. 2001; Denevan 2001; Erickson 2000; Heckenberger, et al. 1999, 2001; Meggers 2001; Neves 1999; Roosevelt 1999). Apesar da existência de cacicados ter sido constantemente mencionada em relatos etno-históricos, estas sociedades complexas não foram adequadamente descritas arqueologicamente, dadas as especificidades do seu desenvolvimento na área e a falta de pesquisas. As sociedades Marajoara, particularmente, foram caracterizadas como cacicados (Roosevelt 1991; Schaan 2002) devido à sua escala regional, isto é a capacidade de congregação de um número de comunidades sob uma chefia regional única (Carneiro 1981; Earle 1991). As características desta liderança, no entanto, o tipo de organização social, as instituições políticas, a organização da produção e a distribuição de poder dentro da sociedade

Marajoara são ainda objeto de debate e os principais pontos nos quais temos focalizado nossas pesquisas.

Em nossas investigações no sítio Camutins, um grupo de 40 aterros localizados ao longo do igarapé dos Camutins, identificamos a existência de uma estrutura sociopolítica hierárquica, refletida no tamanho dos aterros e sua distribuição espacial, e nas diferenças observadas em termos de artefatos e feições que os mesmos contêm. Em 2002, realizamos extensas escavações em um desses aterros, Belém, que identificamos como sendo um local para moradia da elite.

No aterro Belém foi possível investigar a distribuição espacial de feições e artefatos, produzindo dados para avaliar as atividades desenvolvidas no local. Através do estudo de feições e cultura material concluímos que o aterro abrigava uma casa comunal e um templo mortuário, além de um espaço aberto onde era produzida a cerâmica e possivelmente realizados alguns rituais. Vamos a seguir discutir as práticas funerárias no contexto do sítio e suas implicações para o entendimento das relações sociais e de gênero, assim como a localização dos enterramentos no contexto local e regional e suas implicações para o entendimento da economia política que caracterizava o cacicado dos Camutins.

Descrição e Análise das Práticas Funerárias

Uma área de 25 m² foi escavada no local onde concentravam-se os enterramentos no sítio. Nesta área, 24 urnas funerárias foram escavadas, o que nos permitiu estudar as práticas mortuárias ao longo de um período que, estimamos, seja de pelo menos 300 anos. Não foi possível ainda fazer um estudo e descrição completa dos remanescentes ósseos coletados que, apesar de parcialmente preservados dentro de urnas com tampas, na maioria dos casos encontravam-se bastante friáveis. Identificou-se que cada urna continha apenas um indivíduo e que os ossos, disarticulados, tinham sido colocados ao fundo de maneira organizada.

No nível mais inferior, uma grande urna sem decoração, bastante friável, continha tampa, um prato grande logo abaixo da tampa e um esqueleto que foi identificado em campo como sendo masculino, associado com um colar de contas líticas e um machado de basalto. Um outro enterramento, em momento posterior, também continha um

machado lítico dentro de uma urna sem decoração. No mesmo nível, uma urna decorada continha uma tanga vermelha. Urnas decoradas neste e em outros níveis continham tangas e/ou outras vasilhas de cerâmica. Em uma das urnas decoradas identificou-se o indivíduo como sendo do sexo feminino. A associação das urnas decoradas com tangas e a associação das urnas sem decoração com machados, apesar do pequeno tamanho da amostra, nos leva a sugerir um padrão funerário associado primariamente com gênero. Neste sentido, as urnas antropomorfas e decoradas seriam reservadas para mulheres e urnas sem decoração para homens.

A maior parte das urnas parece ter sido enterrada somente até a boca, de maneira que a tampa ficaria ao nível ou um pouco acima do nível do solo, permitindo acesso aos restos mortais dos antepassados. A disposição dos ossos assim como a existência de pintura em alguns ossos indica a prática de enterramento secundário na maioria dos casos. Além dos objetos encontrados dentro das urnas, poucos artefatos foram encontrados no local, indicando que havia a preocupação de manter o espaço funerário limpo de resíduos. A maior parte dos fragmentos cerâmicos encontrados constituía-se de urnas funerárias quebradas e viradas, denotando processos pós-deposicionais tais como vandalismo e/ou abandono temporário do local na metade da seqüência.

Duas urnas e alguns vasos pequenos que continham apenas sedimentos podem ter sido usadas para disposição de restos cremados e cinzas. Essa observação tende a concordar com o apontado por outros autores de que em enterramentos mais recentes a prática da cremação seria mais frequente (Meggers e Evans 1957; Palmatary 1950). Nossos dados, no entanto, não apóiam a proposição de que enterramentos mais recentes seriam mais simples, pois urnas antropomórficas grandes e elaboradas foram localizadas nos níveis mais recentes, tendo sido enterradas imediatamente antes do abandono do sítio.

No aterro Belém, os rituais funerários parecem ter sido reservados a indivíduos da elite, o que incluía tanto mulheres como homens. As mulheres seriam dispostas em urnas decoradas com símbolos femininos, juntamente com uma tanga e um pequeno vaso de cerâmica, enquanto que homens seriam acompanhados por objetos líticos. Nem todas as urnas, no entanto, continham ossos preservados e nem todas continham

objetos associados com os ossos. Problemas de preservação afetaram a sobrevivência tanto de restos humanos como provavelmente de objetos feitos de materiais perecíveis.

Caso se confirme nossa hipótese a respeito da diferenciação entre os enterramentos em relação a gênero, o fato de a maioria dos enterramentos serem femininos parece indicar que a legitimação da estrutura social estaria baseada em um padrão de descendência pela linha materna, o que já havia sido sugerido por Roosevelt (1991). Isso não significa, necessariamente, que mulheres ocupavam posições de chefia. Segundo Pasternak et al. (1997), em sistemas matrilineares, geralmente o sistema de descendência e a autoridade não convergem. Neste caso, os homens assumem posição de chefia, mesmo que sua posição esteja determinada pelo fato de seres irmãos ou filhos das pessoas que carregam o direito de sucessão. Apesar de não ser completamente entendido o porquê de isso ocorrer, tem sido sugerido que o papel de homens na guerra seria responsável pelo seu papel de líder (Pasternak, et al. 1997:264-265). Na sociedade Marajoara, o fato de que os homens era os detentores dos objetos líticos sugere seu acesso a redes de troca regionais o que seria prerrogativa de pessoas com poder político. Estas alianças externas ou possibilidade de troca a longa distância tem sido vista como maneira de reforçar poder político a nível interno (Helms 1993; Renfrew e Shennan 1982; Shennan 1982).

Localização Espacial dos Enterramentos

Pesquisas em sítios Marajoara constataram que os aterros-cemitério não continham apenas enterramentos, ao contrário do sugerido por Meggers e Evans (1957), mas também estruturas domésticas e produtivas (Roosevelt 1991; Schaan 2003). Entretanto, mesmo nestes aterros, verificou-se uma segregação entre espaço doméstico e espaço cerimonial, sendo os enterramentos encontrados de forma agrupada em determinados locais no sítio. No aterro Belém, a proximidade do local de disposição das urnas com a casa central do aterro demonstra necessidade de proximidade com os mortos. A proximidade física com os mortos seria uma metáfora para a proximidade cosmológica, como sugerido por McAnany (1995). Interpretamos a proximidade da moradia com o cemitério como necessidade de legitimação social de uma linhagem dentro de um determinado território.

Localização dos Aterros Cerimoniais

A construção dos aterros da fase Marajoara tem sido interpretada como necessidade de escapar das cheias, defesa, ou indicação de status social (Roosevelt 1991). Também sugerimos recentemente (Schaan 2001) que os aterros seriam marcas de prestígio e liderança e que uma competição por prestígio pode ter influenciado a construção de aterros cada vez maiores também em outras partes da Ilha.

A localização desses aterros nas cabeceiras de rios e igarapés e próximos a lagos, especialmente em áreas que sofrem mais diretamente as consequências das mudanças sazonais nos níveis das águas (permanecendo praticamente secas no verão e inundadas no inverno amazônico), indica que diversas outras motivações e processos de mudança cultural também estariam por trás de sua construção. Diversas linhas de evidência indicam que sua localização estava relacionada à pesca intensiva, uma vez que enormes quantidades de peixes, reproduzindo-se junto às cabeceiras dos rios durante o inverno, ficavam presos em barragens construídas próximas aos aterros quando as águas desciam rapidamente no final da estação chuvosa. A prática de construção de barragens e lagos sazonais é ainda hoje bastante disseminada no Marajó e é explorada tanto para consumo doméstico como comercial. Nestes locais, a pesca seria tão abundante, que permitiria o abastecimento de uma grande população assim como a provável estocagem de peixe seco. A concentração de população nestes locais, e a construção de barragens e aterros, em algum momento em torno de 400 d.C. podem ser vistas como uma mudança de estratégia por parte de povos que, vivendo ao longo dos rios, teriam percebido as vantagens que as cabeceiras representavam para uma intensificação de suas práticas de subsistência.

Em diversas sociedades complexas, a construção de aterros e estruturas megalíticas, localizadas em áreas estratégicas para exploração de recursos, para onde populações convergem, são interpretadas como símbolos do poder de indivíduos ou grupos de indivíduos que reclamam o direito a estes recursos (ver por exemplo Dillehay 1995; Drennan 1995; Renfrew 1976; Sahlins 1961). McAnnany (1995:160-162) também entende a veneração de antepassados como a maneira de marcar

territorialidade e perpetuar relações de desigualdade, ao reclamarem direito de ocupação aos que teoricamente teriam sido os primeiros a chegar ao lugar. Da mesma forma, entendemos a construção dos aterros da fase Marajoara, assim como o culto aos antepassados, como estratégias destinadas a afirmar direito de acesso à exploração de determinados recursos, neste caso, a pesca intensiva, e demarcar limites territoriais que seria prerrogativa dos membros de determinada linhagem.

Conclusões

A quantidade e qualidade de informações que podem ser derivadas do estudo de práticas funerárias são inúmeras, e vão desde aspectos biológicos até aspectos da organização social e cosmológica. A localização dos enterramentos dentro do sítio arqueológico e sua relação com outras áreas de atividade é crucial para que se determine a forma pela qual aquelas sociedades utilizavam-se de rituais funerários para afirmar identidades de gênero, identidades sociais e reclamar direitos sobre recursos naturais e territórios. Os objetos associados a remanescentes humanos podem nos informar sobre posição social, hierarquia, gênero, atividades produtivas, trocas, etc. Esses dados, quando confrontados, nos ajudam a entender organização sociopolítica e examinar a maneira pela qual as relações sociais podem ter mudado através do tempo.

Confrontando os dados obtidos através da pesquisa no Camutins com os dados produzidos por outros pesquisadores concluímos que o padrão hierárquico observado é mais marcado pela distinção entre a elite e pessoas comuns do que por diferenças entre membros da elite. A falta de ênfase em monumentos pessoais e o uso de enterramentos similares para um grande número de membros da elite indica que o domínio político e econômico sobre o rio Camutins, marcado pela construção de aterros e culto aos antepassados buscava legitimar uma elite que se afirmava enquanto grupo, não por personalidades individuais. Os dados são consistentes com o que Renfrew (1974) chamou de cacicados orientados para o grupo, em que o poder emana de um grupo social, não de indivíduos. Isso é confirmado tanto pela análise de distribuição espacial dos aterros da elite como pelo exame das práticas funerárias.

É possível que, como Hodder (1982) sugere, os três aspectos fundamentais do estudo das práticas funerárias, tais como proximidade do sítio de habitação, padrão de

disposição dos enterramentos no cemitério e objetos associados aos mortos não revele, adequadamente, a complexidade das relações sociais que pensamos estes representam. Entretanto, sejam estes indicadores da realidade das relações sociais ou da idealização das relações sociais que cada sociedade busca representar, cabe ao arqueólogo decidir, confrontando os diversos aspectos do registro arqueológico.

Modelos sobre complexidade social têm sido importados para a Amazônia e não têm sido corretamente avaliados por causa de sua inadequação às especificidades das culturas e da ecologia da floresta tropical, além da falta de dados arqueológicos. Este quadro já está mudando e, apesar dos problemas de preservação característicos, o estudo de práticas funerárias promete ser extremamente importante para a elaboração de novos modelos sobre a emergência e desenvolvimento de sociedades complexas nas terras baixas tropicais.

Referências Bibliográficas

- Carneiro, R. L.
 1981 The chiefdom as precursor to the state. In *The transition to statehood in the New World*, editado por R. Kautz, pp. 37-79. Cambridge University Press, Cambridge.
- 1998 What Happened at the Flashpoint? Conjectures on Chiefdom Formation at the Very Moment of Conception. In *Chiefdoms and Chieftaincy in the Americas*, editado por E. M. Redmond, pp. 18-42. University Press of Florida, Gainesville.
- DeBoer, W. R., K. Kintigh e A. G. Rostoker
 2001 In quest of prehistoric Amazonia. *Latin American Antiquity* 12(3):326-327.
- Denevan, W.
 2001 *Cultivated landscapes of Native Amazonia and the Andes: triumph over the soil*. Oxford geographical and environmental studies. Oxford University Press, Oxford, UK New York.
- Dillehay, T. D.
 1995 Mounds of Social Death: Araucanian Funerary Rites and Political Sucession. In *Tombs for the Living: Andean Mortuary Practices*, editado por T. D. Dillehay, pp. 281-313. Dumbarton Oaks, Washington D.C.
- Drennan, R.
 1995 Mortuary Practices in the Alto Magdalena: the Social Context of the "San Augustin Culture". In *Tombs for the Living: Andean Mortuary Practices*, editado por T. D. Dillehay. Dumbarton Oaks, Washington D.C.
- Earle, T.
 1991 *Chiefdoms: power, economy, and ideology*. School of American Research advanced seminar series. Cambridge University Press, Cambridge [England] ; New York.
- Erickson, C. L.
 2000 An artificial landscape-scale fishery in the Bolivian Amazon. *Nature* 408:190-193.
- Gennep, A. v.
 1977 *Rites of passage*. Routledge and Kegan Paul, London.
- Heckenberger, M. J., J. B. Petersen e E. G. Neves
 1999 Village size and permanence in Amazonia: Two archaeological examples from Brazil. *Latin American Antiquity* 10:353-376.

- 2001 Of lost civilizations and primitive tribes, Amazonia: Reply to Meggers. *Latin American Antiquity* 12(3):328-333.
- Helms, M. W.
1993 *Craft and the kingly ideal. Art, trade, and power.* University of Texas Press, Austin.
- Hertz, R.
1960 *Death and the Right Hand.* Cohen & West, [London].
- Hodder, I.
1982 *Symbols in action : ethnoarchaeological studies of material culture.* New studies in archaeology. Cambridge University Press, Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.
- Huntington, R. e P. Metcalf
1991 *Celebrations of Death : the Anthropology of Mortuary Ritual.* 2nd / ed. Cambridge University Press, Cambridge ; New York.
- McAnany, P. A.
1995 *Living with the Ancestors: Kinship and Kingship in Ancient Maya Society.* University of Texas Press, Austin.
- Meggers, B. J.
2001 The continuing quest for El Dorado: Round two. *Latin American Antiquity* 12(3):304-325.
- Meggers, B. J. e C. Evans
1957 *Archeological investigations at the mouth of the Amazon.* U.S. Govt. Print. Off., Washington,.
- Mendonça de Souza, S. M., V. Guapindaia e C. Rodrigues-Carvalho
2001 A Necrópole Maracá e os Problemas Interpretativos em um Cemitério sem Enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 17(2):479-520.
- Neves, E. G.
1999 Changing perspectives in Amazonian archaeology. In *Archaeology in Latin America*, editado por B. Alberti, pp. 216-43. Routledge, London.
- Palmatary, H. C.
1950 The pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society* 39(3).
- Pasternak, B., C. R. Ember e M. Ember
1997 *Sex, gender, and kinship : a cross-cultural perspective.* Prentice Hall, Upper Saddle River, N.J.
- Renfrew, C.

- 1974 Beyond a subsistence economy: the evolution of social organization in prehistoric Europe. In *Reconstructing complex societies: an archaeological colloquium*, editado por C. B. Moore, pp. 69-95. Supplement to the Bulletin of the American Schools of Oriental Research. No. 20, Ann Arbor.
- 1976 Megaliths, Territories and Populations. In *Aculturation and Continuity in Atlantis Europe*, editado por S. DeLaet, pp. 198-220. de Tempel, Bugres.
- Renfrew, C. e S. Shennan (editors)
- 1982 *Ranking, resource, and exchange: Aspects of the archaeology of early European society*. Cambridge University Press, Cambridge, New York.
- Roosevelt, A. C.
- 1991 *Moundbuilders of the Amazon : Geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil*. Academic Press, San Diego.
- 1999 The development of prehistoric complex societies: Amazonia: a tropical forest. In *Complex Polities in the Ancient Tropical World*, editado por L. J. Lecero, pp. 13-33.
- Sahlins, M.
- 1961 The Segmentary Lineage: an Organization of Predatory Expansion. *American Anthropologist* 63:322-343.
- Schaan, D. P.
- 2001 Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society. In *The unknown Amazon. Nature in culture in ancient Brazil*, editado por E. G. Neves, pp. 108-133. British Museum Press, London.
- 2002 Landscape transformation and sociopolitical organization in Marajoara Phase, Brazilian Amazon. *NSF Proposal*.
- 2003 Lost Civilizations of the Amazon, Field Report. *Earthwatch Institute Final Report*.
- Shennan, S.
- 1982 Exchange and ranking: the role of amber in the earlier bronze age of Europe. In *Ranking, resource, and exchange : aspects of the archaeology of early European society*, editado por C. a. S. S. Renfrew, pp. 33-45. Cambridge University Press, Cambridge.
- Turner, V. W.
- 1967 *The forest of symbols; aspects of Ndembu ritual*. Cornell University Press, Ithaca, N.Y.,.